



MULHERES NEGRAS LETRAS E LITERATURA: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX

Francelene Costa de Santana Oliveira¹

RESUMO

Apresentar a trajetória histórica, política e social de duas mulheres negras afro-brasileiras, dos séculos XIX e XX: Maria Firmina dos Reis e Maria Carolina de Jesus (esta última, cujo centenário é celebrado este ano). Ambas, reconhecidamente contribuíram de forma produtiva e inteligente para a construção de espaços para o protagonismo feminino. Denunciar as dificuldades encontradas para a instrução da população negra, especialmente para a mulher negra, na luta para vencer o preconceito de classe social, de raça e de gênero, numa sociedade escravocrata, na qual a mulher negra foi sentenciada a trabalhos domésticos, longe dos livros, impedida de ocupar outros espaços sociais; constitui-se foco da presente pesquisa. O empenho dos movimentos negros do Brasil para mudar essa dura realidade, encontra eco nos escritos destas mulheres negras que escreveram para mudar as histórias de suas vidas e fortalecer a história das mulheres negras do Brasil. Enfocar a construção literária dessas mulheres negras escritoras e sua importância para a Literatura deste País e analisar a condição da mulher negra nos dois séculos, constitui-se objeto da presente proposta.

Palavras chave: Mulher Negra. Letras. Literatura. Gênero. Raça.

INTRODUÇÃO

Esse lugar mulher tem me atraído a atenção para estudo, visto a riqueza de informações que tem trazido a História e a Historiografia e por ser um campo de pesquisa recente que tem esclarecido lacunas, deixadas pelo tempo, relacionadas a valores éticos, sociais, políticos, econômicos entre tantos que influenciaram quadros de representação das diversas sociedades e escrita de sua História.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.



Ao longo da história a mulher realizou uma caminhada marcada pela invisibilidade. Na Europa do século XVIII, discutia ainda “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, p.11, 2008). Muitos desses pensamentos limitaram a ação das mulheres no tempo e espaço, colocando-as a margem da história.

No Brasil a visão sobre a mulher seguia o pensamento eurocêntrico acentuado pelo fator racial hierarquizado pela cor da pele, que colocava os homens e mulheres afrodescendentes escravizados e libertos em profundo desmerecimento social, material e moral, este último muito mais as mulheres, pela exposição à violência e à humilhação, condições que marcaram a construção do seu imaginário social determinando seu lugar de inferioridade no espaço social delimitando ações e negando direitos.

O texto reforçará denúncias, já conhecidas, de racismo e preconceito à população negra, ocorridas no Brasil colonial e republicano ao direito à instrução e principalmente à mulher negra rotulada e inferiorizada desde o passado, “Rótulo Ideológico” (Burk,1992), destinada pela sociedade à condição de serviços domésticos compondo um reforço social, onde a instrução parecia uma distante realização. A falta de compromisso do Estado com a causa negra, a negação da instrução e igualdade de direitos revelados, motivarão o fortalecimento do Movimento Negro Brasileiro (A Frente Negra Brasileira) que tem como um dos objetivos desenvolver o pensamento político do negro para mudar sua condição moral, social e material. Lutar principalmente pela causa das mulheres negras no incentivo a esforçarem-se pela instrução, caminho para mudança de pensamentos e estigmas. No constante esforço para a população sair do sub-extrato social ao qual estavam fadados a permanecer caso não houvesse mobilização e interesse para tal.

Esse trabalho também faz referência à construção literária de mulheres negras e sua produção mesmo que em séculos diferentes tem o mesmo sentido o



de mostrar a condição distorcida a que foi colocado um povo o e em como as mulheres negras colaboraram na formação desse país.

A escolha desse tema Mulheres Negras Letras e Literatura, tem a ver com a necessidade de ressaltar o valor da mulher negra no âmbito social afim de que o mesmo possa contribuir para uma consciência educativa, tendo a escola como ambiente para o desenvolvimento dessa prática, onde me justifico como participante da construção desses valores que constituem uma sociedade de direitos e também de deveres. Onde podemos despertar cidadãos, equilibrados, responsáveis pelo semelhante.

MULHERES NEGRAS E SEU LUGAR

A invisibilidade das mulheres estava relacionada ao preconceito. A mulher em sua composição histórico-social encontrou imposições e limitações para sua ação e representação na sociedade. No espaço público, ignorada, no privado, muito mais a fazia perceber a que se destinava pela obediência a ordem a que se submetiam:

Elas atuam em família, confinadas em casa, ai no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo [...] sua fala em público é indecente. (Perrot,p.17, 2008).

No Brasil a mulher não fugia a essa regra, representavam o lugar de procriação e composição matrimonial, junto ao homem, estabelecida em família. Na obra 'Minha História das mulheres' a autora assim expressa "Porque elas foram muito mais educadas do que instruídas por serem preparadas para o lar e a sua manutenção" (Perrot.,p.27,2008).



As altas cobranças tributárias em Minas Gerais, aceleraram o infortúnio e a condição de miserabilidade à população desassistida, logo muitos foram atingidos e, por conseguinte as mulheres.

As mulheres pobres e forras seriam fortemente marcadas com a introdução do novo método de cobrança do quinto a partir de 1735. Esse direito que possuía a Coroa portuguesa de receber 20% [...] passou por sucessivas formas de cobrança ao longo do século XVIII. Com o sistema de capitação e censo de indústria ampliou-se a base tributária dos contribuintes do quinto (normalmente só os mineradores pagavam), envolvendo, além de um pagamento *per capita* sobre todos os escravos de minas. ... o que iria alcançar de modo decisivo as mulheres... e todo aquele que pertencesse à condição de “forro”. Assim negros e negras mulatos e mulatas que não possuíssem escravos passaram a pagar anualmente 4 oitavas e 3/4 de ouro por sua própria pessoa. (bi.)

Desse modo o próprio Estado dissimulado e ambicioso, indiretamente e permissivamente encaminha ao meretrício uma população de escravas e livres em vários lugares do Brasil principalmente em Minas Gerais. Uma das cidades que mais se destacava nessa atividade era Barbacena. O viajante Saint-Hilaire chegou a tratá-la como:

Célebre entre os tropeiros, pela grande quantidade de mulatas prostituídas que a habitam, e entre cujas mãos estes homens deixam o fruto do seu trabalho. Sem a menor cerimônia vêm oferecer-se essas mulheres pelos albergues; muitas vezes esses viajantes as convidam para jantar e com elas dançam batuques, essas danças lúbricas. (Saint-Hilaire., p.64,1975 apud Del Priore.p.157, 2007)

Segundo a autora, a prostituição tornou-se fonte de sustento e dominou destacadamente a província mineira. Muitos autores apontam “de um lado, os elementos de crueldade do escravismo ao obrigarem à prostituição mulheres já as suficientemente exploradas pelos rigores do trabalho. Do outro, [...] um efeito desagregador sobre a estrutura social, econômica e familiar. (Del Priore.,p.156, 2007).



percebido, não como um direito. No século XIX, o pensamento filosófico mais uma vez imprimiu sobre a sociedade os ditames de valores assim legitimado pelos homens. Em Rousseau, escrevendo a sua companheira Sophie, a dedicatória do romance *Émile*, expressou:

Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que deve ensinar-lhes desde a infância. (Rousseau apud Perrot. P.92, 2008)

As objeções a instrução da mulher, estavam pautadas na dúvida e no temor de que estas pudessem, trazer insegurança e desordem a sociedade. “Uma mulher culta não é uma mulher” (Perrot. p. 93, 2008)

O tempo atrelado à paciência e a certeza das mulheres, pôde estabelecer as mudanças esperadas no pensamento contemporâneo e então em todos os seguimentos da sociedade ser notado a participação da ala feminina no caminho da instrução preceptores e casa de caridade funcionaram de para o fortalecimento dessa conquista. (idem. p., 94).

No Brasil oitocentista as influências europeias lentamente estabeleceram mudanças de valores também. As filhas da aristocracia e da alta burguesia, apropriadas das letras não aceitavam com facilidade as determinações da sociedade patriarcal do Brasil. Aqui abro um parêntese para citar Nísia Floresta, escritora e abolicionista, um exemplo público de representação da mulher brasileira que usava da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres. (Del Priore. p.405, 2007).

Vejamos suas reinvidicações:

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontráramos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não só para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles [...] Entretanto eu não posso considerar esse raciocínio senão como



Na vida ativa de nossos dias, mobilizando todos os seres capazes, não podia deixar (de fora) como elemento de primeiro plano, a mulher [...], principalmente aquela [que] pela instrução se tornou capaz para certos serviços como o homem. (Id., p.5, apud Gonçalves; Silva. ,p. 143,2000).

A educação das mulheres se dará nos anos 30, estabelecendo uma conquista para as entidades negras que sozinhas trabalharam para a composição da justiça à raça negra no seu direito à instrução. Pela condição da mulher negra distante do conhecimento a disposição sempre pronta a suprir necessidades emergenciais do seu meio social. Trabalhando para honrar quem a desonrou. O movimento negro, mesmo sem o apoio esperado das instituições, foi forte e valente o bastante para realizar um bem tão grande de justiça a todo um povo. Amenizando dores do passado principalmente a das mulheres, suas filhas por adoção. Muitas dessas mulheres passaram a colaborar na educação trazendo à luz a instrução para outros negros e outras negras, a fim de fortalecer o movimento conscientizando-os politicamente erradicando o racismo. Trazendo esperança e força para mais conquistas ao longo de uma história que não terminou.

MULHER E LITERATURA: MULHERES NEGRAS – CONTRIBUIÇÕES

Mesmo que os homens duvidassem da capacidade criadora das mulheres, elas puderam mostrar através do tempo, e nestes últimos séculos que também sabem realizar com muito esmero ofício da escrita. O pensamento filosófico contemporâneo, tentou mais uma vez limitar o espaço produtivo da mulher. Auguste Comte, filósofo francês, “as vê como apenas capazes de reproduzir”. Freud, diz: “[...] Estima-se que as mulheres trouxeram poucas contribuições às descobertas e às invenções da história da cultura, mas talvez elas tenham inventado uma técnica, a da trançagem e da tecelagem” (Pisier ; Verikas.,op. cit., p.602 apud Perrot., p.96).



Michelli Perrot, (p.97, 2008) em seu livro “Minha História das Mulheres” comenta que elas entraram para o cenário da literatura através do romance. Essa experiência ocorreu na vida de muitas mulheres.

Aqui no Brasil no final do século XIX sua participação literária será percebida em revistas, colunas jornalísticas, em publicação de diversas obras como o romance. “O romance, por mais inocente que fosse, era ainda um gênero literário malvisto, pernicioso para as moças...” (Del Priore., p.410, 2007).

Úrsula, um romance escrito em 1859 aqui no Brasil, tem sua autoria assinada por uma afrodescendente, Maria Firmina dos Reis. Sobre essa autora temos:

Nascida em 1825, filha ilegítima, viveu com a família extensa, constituída pela avó e por duas gerações de irmãs, a mãe e a tia materna, ela e a irmã. Uma casa de mulheres. Maria Firmina dos Reis ganhava a vida como professora. Em concurso estadual de 1847, foi a única aprovada para a instrução primária, na vila de Guimarães, onde passou a residir.(ibd.)

Essa maranhense é um dos destaques desse trabalho, pois a autora tem em sua trajetória marcante contribuição para a composição da nossa história. Hoje este romance é considerado um marco da escrita literária feminina negra no Brasil. Em seu teor histórico faz denúncias do cotidiano dos escravizados no Brasil e da dura sorte.

Em sua existência, Maria Firmina dos Reis, trabalhou pela causa dos desassistidos contribuindo para a educação da população negra. (Schumacher; Vital Brazil , 2007).

Destaca que:

A professora morava e lecionava em casa, como era de costume. Era reconhecida como Mestra Régia, o que na época significava professora formada e concursada em contraposição à professora leiga. [...] Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos.(Del Priore., p. 410, 2007).



Maria Firmina dos Reis, uma representação da literatura brasileira do século XIX. Mulher de origem negra, que além de professora e romancista também fazia traduções do francês para publicações. Não se tem acesso a informações de como ela adquiriu esses conhecimentos o que se sabe é que demonstrava competência para executar suas atividades. A Academia Brasileira de Letras, em sua ala feminina, deveria fazer uma menção honrosa para essa mulher que se determinou a vencer e a atravessar séculos com sua contribuição.

No século XX, outra mulher obtém espaço de representação na literatura negra. Estamos nos referindo a Carolina Maria de Jesus que nasceu a 14 de Março de 1914 em Sacramento, estado de Minas Gerais, cidade onde viveu sua infância e adolescência. Faleceu em 13 de Fevereiro de 1977, com 62 anos. E nada melhor que no centenário do seu nascimento ser um elemento de estudo do presente a artigo também.

A obra que a fez conhecida mundialmente foi o livro, Quarto de Despejo, uma biografia da autora. Relato de sua rotina na década de 50 e da vida e dificuldades existenciais. Sobre a autora temos

Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da Folha da Noite, e publicada em 1960. na A obra foi prefaciada pelo escritor italiano Alberto Moravia e traduzida para 29 idiomas. Quarto de Despejo, que vendeu mais de cem mil exemplares.(Coletivo Cultural " Esperança Garcia" por GTERÊ - Sec. de Educação do Recife.

E ainda que:

Carolina Maria de Jesus nasceu a 14 de Março de 1914 em Sacramento - MG, cidade onde viveu sua infância e adolescência. Aos 14 anos de idade foi buscar nova vida em São Paulo. Carolina estudou pouco mais de dois anos no colégio espírita Allan Kardec, que tinha um trabalho voltado às crianças pobres da



A Academia Brasileira de Letras deveria fazer uma menção honrosa para essa mulher que se determinou a vencer e a atravessar séculos com sua contribuição.

Em Carolina Maria de Jesus, percebi a mulher corajosa e produtiva que fez da escrita seu escape e seu desabafo da sua condição. Reconhecimento para muitos que a literatura não conhece limites, estrato social e padrões. Sua obra denunciou a falsa democracia racial no Brasil, o “Mito da Democracia Racial.”

Sua obra é um importante referencial para os estudos culturais e fonte de literatura periférica, além de exemplo de superação, determinação e força que fica para sempre na história da nossa cultura. Há muitas negras mulheres nessa vida se descobrindo escritora Carolina, precisando de uma mão amiga. No período colonial a herança da prostituição. Na república a herança de doméstica e no tempo presente conquistas mas há ainda muito o que fazer.

‘A determinação e a força são as marcas da mulher. A invisibilidade seria o lugar de destino, mas a perseverança aliada ao tempo mudou o rumo dessa história que ainda tem muito por fazer mulher’.

Francelene Costa

REFERÊNCIAS

BURKE, PETER. **A escrita da história: novas perspectivas** 3ª ed. São Paulo: editora da Universidade Federal Paulista, 1992 (biblioteca básica).



BARBOSA, M. et. al., (1998). **Frente Negra: Depoimentos**. São Paulo. Quilombo Hoje.

DEL PRIORE, MARY. (org.) **História das mulheres no Brasil**; BASSANESSI, CARLA.(coord. de textos) 9. ed. – São Paulo : Contexto, 2007.

FERNANDES, F., (1986). **A integração do Negro na sociedade de classe**. São Paulo. Ática, v.2.

FONSECA, M.V., (2000) **Concepções e práticas com relação à educação dos negros no processo de abolição do trabalho escravo no Brasil (1867 -1889)**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.

GONÇALVES, L. A.,(1999). **As políticas públicas como instrumento de reversão das desigualdades étnicas nos sistemas de ensino**. Belo Horizonte: UFMG.

GONÇALVES. L. A.& SILVA, P.B.G.E.,(1998). **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica.

GONÇALVES. L. A.& SILVA, P.B.G.E.,(2000). **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica.

GTERÊ - Sec. de Educação do Recife (2014).__**sobre Carolina Maria de Jesus**. Texto elaborado a partir do Coletivo Cultural " Esperança Garcia".Hyperlink"http://www.blogger.com/profile

_MATOSO, K. DE Q., (198 8). **O filho da escrava**. Revista Brasileira de História, vol. 8, nº 16, São Paulo, p.37-57.

PERROT, MICHELLI., (2008) **Minha história das mulheres**.-1.ed.,1ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

